

JUNDIÁ



O jundiá, bagre-onça ou peixe-onça como é chamado por sua coloração e por sua força, é habitante da bacia amazônica, freqüentando poços, cevas e remansos por toda a extensão do rio, inclusive, lagoas marginais, principalmente na sua ligação com aquele. Alimenta-se de peixes, crustáceos – como pitus – insetos e larvas, não desdenhando cevas feitas de farelo de arroz, milho e trigo. Como já dito tem o couro amarronzado com um marmorizado felino, inclusive em seis compridos bigodes. Tem como outra característica uma carne de ótimo sabor, sem espinhas que o faz muito procurado e abatido por pescadores locais. Mas para o pescador esportivo sua maior qualidade é a força desproporcional que faz com que um jundiá de 3 quilos tome linha e brigue tanto que o pescador muitas vezes acha que capturou uma cachara de 8 quilos antes que ele cansse e se renda.

ISCA – Sua pesca é normalmente feita com iscas naturais e na espera, utilizando peixes pequenos inteiros e pedaços de peixes maiores, ou minhocas e minhocuçus , ou trançados no anzol ou vestindo-o e ao encastor, como a conhecida *bengala*. Conforme dito anteriormente, algumas vezes ataca na ceva de outros peixes, principalmente dos tambaquis, em massas de farelo compactadas.

Como os demais peixes de couro, como cacharas e barbados, as tuviras também são ótimas iscas.



ANZÓIS – Como se trata de peixe muito forte, mas que alcança peso máximo em torno de 10 quilos, sendo mais comuns peixes de até 4 quilos, os anzóis para esta espécie variarão de 5/0 a 7/0, tipo J, empatados com aço (preferencialmente flexível) de 30 cm e 40 libras de resistência, não por esta espécie possuir dentes

mas pela possibilidade de cachorras e piranhas visitarem o anzol destinado ao jundiá, com isca de peixes.

Não possuem boca muito resistente, o que, aliado à grande força, lhes possibilita a fuga dos anzóis mais robustos quando a pele ou cartilagem onde foi fisgado se rompe.



LINHA DE MONOFILAMENTO – As linhas utilizadas em sua pesca são as de monofilamento de 0,40 ou 0,50 mm, em carretilha ou molinete que comportem ao menos 100 metros da linha escolhida.

Em época de cheia no rio, o peixe muitas vezes dá grande arrancadas em direção a pedras, troncos ou vegetação das margens, e, por isso a vantagem de maior resistência à abrasão determina a escolha do equipamento.

Também a fragilidade de sua boca, que pode rasgar com uma fígada com linha de multifilamento (sem elasticidade nenhuma), pode ocasionar a fuga do peixe, desaconselha tal linha para sua pesca.



Pode ser utilizado um líder de fluorocarbono, 40 libras, como forma de proteger a linha e não espantar os peixes mais desconfiados.

BÓIAS – Não são utilizadas nesta modalidade de pesca, e por habitarem poços e remansos na proximidade de correntes, as chumbadas de até 30 gramas são as mais utilizadas, fazendo com que a isca desça suavemente até o fundo, habitat da espécie, além de proporcionar peso para arremesso com as carretilhas.

CINTO DE BRIGA – Tal acessório é desnecessário para os embates, apesar do jundiá ter muita força, pois o peso usual dos exemplares é em torno de 3 a 4 quilos.



REGULAGEM DE FRICÇÃO

A fricção da carretilha ou molinete deverá ser ajustada em aproximados 35% da capacidade de tração da linha escolhida.

Em caso de proximidade com enroscos, o pescador poderá fechar um pouco mais a engrenagem, para evitar que o peixe fisgado corra para tais obstáculos e neles consiga emaranhar-se.

Todavia, mesmo com a elasticidade das linhas de naylon e a fricção regulada, se o peixe for fisgado no rio e longe de obstáculos, a regulagem pode ser mais aberta, evitando o risco de rasgar a boca do espécime.



LOCAIS E ÉPOCAS DE PESCA

Na bacia amazônica a melhor época é a da cheias, nos rios Teles Pires, Aripuanã, Roosevelt, e Cururu, por exemplo, em remansos e rebojos próximos de corredeiras, pois são locais onde são depositados sedimentos, que por sua vez atraem pequenos peixes, que serão suas presas.

Na estação seca, procure os poços e remansos, onde, como os outros peixes de couro – barbados, cacharas, etc..., esta espécie será encontrada.

MEUS LOCAIS PREFERIDOS PARA A ESPÉCIE

Rio Teles Pires e Cururu, na divisa dos estados do Mato Grosso e Pará, em poços situados antes ou depois de correnteza e entradas de baías e lagoas.



A BRIGA

Os jundiás não são peixes ariscos, atacando as iscas sem maiores rodeios, e após acomodarem a isca na boca empreendem forte corrida, ocasião em que deve ser aplicada a fígada e um confirmada apenas, e, daí em diante o pescador poderá apreciar a briga com muita linha retirada da carretilha, e uma força somada a um fôlego que não denunciam o tamanho real dos espécimes!



Com a pesca do jundiá, o cantar da carretilha ou do freio do molinete são sempre ouvidos, no mínimo por três ou quatro vezes, sempre em direção ao fundo e cabeçadas violentas.



Também possui espinhos aguçados e o uso do alicate de contenção é muito aconselhável pois o peixe ao ser retirado da água se debate bastante e pode ocorrer um acidente doloroso sem tal equipamento...

Após as fotos, devem ser devolvidos à água em local próximo à margem e sem águas rápidas, sem muita demora, pois apesar de ter muita vitalidade na hora da briga, é um peixe que, pela intensidade com que tenta escapar, quando chega ao

barco está bem cansado, podendo não resistir se não for bem oxigenado antes da soltura.

Assim, o pescador não deve ter pressa em proceder à sua soltura, para que se restabeleça completamente e possa voltar ao seu habitat sem ser atacado por piranhas, botos e demais predadores.

Nornalmente quando é o peixe que se agita para nadar sozinho, é sinal que está pronto para a vida.

